

## SIMPÓSIO AT120

# RELIGIÃO, POLÍTICA, PODER/SABER: DISCURSOS CIRCULADOS EM O SENHOR DOS ANÉIS (O RETORNO DO REI)

BARROS, Maria Emília de Rodat de Aguiar Barreto  
Universidade Federal de Sergipe (UFS)  
[mebarreto58@yahoo.com.br](mailto:mebarreto58@yahoo.com.br)

**Resumo:** O presente artigo revela investigações do projeto “O Senhor dos Anéis (O Retorno do Rei): religião, política, poder/saber” (PIBIC/COPES 2018/2019). Consiste na análise discursiva desse filme, sob direção de Jackson (2003), numa releitura da obra original (TOLKIEN, 1938). Esta produção é integrante de uma trilogia, uma rede de sentidos, atravessada por princípios sociais, políticos, culturais, religiosos. Embora o filme encontre-se temporalmente distante da análise, nós os consideramos atuais, pelas reiteradas exibições televisivas, com indicativo de série de TV, numa contínua *reatualização* de sentidos (FOUCAULT, 2009). O enredo fundamenta-se numa épica luta entre as forças dualísticas, bem/mal, tentando equilibrar as relações de poder na *Terra-Média* (Segunda Era), com a conseqüente destruição do *anel do poder*. A análise sustenta-se no estudo da Mídia Cinematográfica enquanto um *dispositivo de poder* (DELEUZE, 1996); da *Arqueogenealogia* (FOUCAULT; GREGOLIN, 2016); das teorias concernentes ao mito (CHEVALIER (1993), RAMNOUX, (1977)). Objetivamos analisar discursos acerca do poder/saber, poder/verdade, poder/subjetivação, atravessados na/pela trama, com base nessas áreas. Quanto à análise, questionamos: quais sentidos podem ser reatualizados com ‘o retorno do rei’? Por que a mídia cinematográfica tem evidenciado os mitos reiteradamente? À luz dessas perguntas, dos pressupostos teóricos, analisamos três *sequências enunciativas*, observando discursos, segundo os quais há uma constante remissão aos preceitos judaico-cristãos; a paz é alcançada com a guerra; há uma estreita relação entre vivos e mortos, numa busca dual: do poder, da paz.

**Palavras-chave:** Análise Arqueogenealógica; religião; política; poder; saber.

**Abstract:** This article reveals investigations resulting from the project "The Lord of The Rings (The Return of The King): religion, politics, power/knowledge" (PIBIC/COPES). It consists on a discursive analysis of the mentioned film, which is part of a trilogy (TOLKIEN, 1938), directed by Jackson (2003), a network of meanings, crossed by social, political, cultural, religious principles. Despite the temporal distance between the film and the analysis, we consider them current, because of the reiterated televising exhibitions, in a continuous senses re-updating. The plot is set in an epic battle between the dualistic forces, good/evil, trying to balance the power relations in Middle-earth (Second Age), with the consequent destruction of the power ring. The present analyses are based on the Cinematic Media study, as a power device (DELEUZE,

1996); on the Archegenealogy (FOUCAULT; GREGOLIN, 2016); on theories concerning myth (CHEVALIER (1993), RAMNOUX, (1977)). We aim to analyze discourses about power/knowledge, power/truth, power/subjectivation, crossed in/through the plot, based on these areas. The analyses are guided by the following questions: what senses can be updated with 'the return of the king'? Why has the Cinematic Media repeatedly exposed myths? We analyze three enunciative sequences, observing discourses according to which there is a constant remission of Judeo-Christian precepts; peace is achieved through war; there is a close relationship between the living and the dead, in a dual pursuit of power and peace.

**Keywords:** Archegenealogy Analysis; religion; politics; power; to know.

## Introdução

Neste artigo, analisamos discursivamente o filme “O Senhor dos Anéis: O Retorno do Rei” (JACKSON, 2003), consoante os pressupostos teóricos da Arquegenealogia, conforme Foucault (1997, 2003, 2008, 2009, 2011, 2012); dos estudos sobre o mito (CHEVALIER (1993), RAMNOUX, (1977)). O filme ora analisado faz parte de uma trilogia (*O Senhor dos Anéis: “A Sociedade do Anel”* (2001), *“As Duas Torres”* (2002), *“O Retorno do Rei”* (2003)). Consiste em uma releitura, uma produção audiovisual adaptada da obra literária de Tolkien (1930). Consideramos o objeto atual, apesar da distância entre a exibição do filme e a análise, pela reiterada exibição nos canais de TV (aberta, fechada), numa contínua (re)produção de sentidos. É um longa-metragem (3h e 21min), uma narração sob o ponto de vista dos *hobbits*.

Dá a continuação à história da *Terra-Média*, no período da Segunda Era, iniciada nos dois primeiros filmes. “A Sociedade do Anel” remonta ao surgimento dos *Grandes Anéis*, entregues aos seres, com o intuito de equilibrar as relações de poder na Terra. Entretanto, o perigo é instaurado com o forjamento do *anel do poder*, por Sauron (Senhor do Escuro), dada a força superior, comparada aos demais. Conseqüentemente, esse *anel* sempre tentava voltar para o seu primeiro dono (Sauron), pois fora retirado dele em uma batalha. Como o último filme da trilogia, os *hobbits*, Frodo e Sam, atingem o seu objetivo: chegar a Mordor, onde realizaram a missão de destruir o *anel*, apesar das constantes investidas contrárias a isso. O mago Gandalf, Aragorn, Legolas, Gimli, os *hobbits* Merry e Pippin apoiam o rei de Rohan e sua

comitiva. Preparando-se para mais uma batalha contra o exército de orcs, no Templo da Colina, Aragorn recebe de Elronda a Andúril, a espada reforjada; este elfo o alerta sobre os inimigos, sugere-lhe que convença o Exército dos Mortos a lutar por ele; Aragorn aceita a sugestão e busca esse Exército. Mas há outras batalhas a vencer, a do Portão Negro, onde são cercados pelas forças de Sauron quando, finalmente, o *anel* é destruído, finalizando a destrutiva guerra pelo poder. Frodo e Sam são resgatados; Aragorn é coroado rei de Gondor; casa-se com Arwen; os hobbits retornam a sua terra. No final, Frodo, Bilbo, Gandalf, Elrond, Galadriel, Celeborn e Círdan, chegam a Portos Cinzentos, deixando a Terra Média para sempre.

Os gestos de guerra, luta pelo poder, retomada do reino revelam os aspectos sociais, políticos e religiosos dessa trilogia, numa ampla circulação discursiva. Com vistas a essa ampla divulgação, realizamos a análise desse filme, para a qual elaboramos as seguintes perguntas norteadoras: quais sentidos podem ser reatualizados com ‘o retorno do rei’? Por que a mídia cinematográfica tem evidenciado os mitos reiteradamente? À luz dessas perguntas, da teoria, analisamos três *sequências enunciativas*, segundo as quais a paz é alcançada com a guerra; há uma estreita relação entre vivos e mortos, numa busca dual: do poder, da paz. Abaixo trazemos à baila uma relação entre os pressupostos teóricos, metodologia e análises.

## 1. Da teoria às análises: um possível gesto de interpretação

Para a construção teórica, *a priori*, esclarecemos que o discurso, conforme Foucault (2011 [1976], p. 220 – 221), funciona como uma estratégia de argumentação: “Trata-se, [...], de mostrar o discurso como um campo estratégico no qual os elementos, as táticas, as armas não cessam de passar de um campo ao outro, de permutar-se entre os adversários, [...]”. Constatamos ainda as relações hierarquizadas de poder perpassadas nos/pelos filmes, as quais são institucionalmente demarcadas, a partir do lugar e da posição ocupada pelo sujeito (FOUCAULT, 2003). As relações discursivas, por seu turno, são estabelecidas entre instituições, processos econômicos e sociais,

formas de comportamento, sistemas de normas, entre outros fatores; colocam o objeto (o filme) em um campo de exterioridade. As relações discursivas caracterizam o próprio discurso enquanto prática (FOUCAULT, [1978] 2012).

Como estabelecimento de relação teoria e análises, apresentamos três *sequências enunciativas*, dentre as quais estão diálogos entre os personagens, imagens, à luz do conceito de enunciado de Foucault (1997b, p. 32):

[...] um enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de um acontecimento estranho, [...] *abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, ou na materialidade dos manuscritos, dos livros e de qualquer forma de registro*; em seguida, porque é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...]. (*grifos nossos*)

Como o *enunciado* se inscreve *no campo da memória*, e sob a *forma de qualquer registro*, é sempre passível de repetição, transformação, reativação e *reatualização*. Como bem defende Gregolin (2011, p. 86): “[...] o ‘enunciado’, na análise arqueológica de Foucault, não é exclusivamente linguístico, tem natureza *semiológica*”.

Trazemos à baila também o conceito de dispositivo, conforme Foucault (2008), segundo o qual os dispositivos são heterogêneos, na medida em que englobam discursos e instituições. Consoante tal perspectiva, entendemos a Mídia Cinematográfica como um dispositivo discursivo, pois através dela os discursos ditos e esquecidos são *reatualizados*, entrando na ordem do dia, tal como nosso objeto de estudo, ainda constantemente reproduzido nos canais de TV (fechada, aberta). Consequentemente, os discursos nele circulados estabelecem novas relações, tanto com o contexto do seu lançamento quanto com o do momento em que é (re)projetado. Esse conceito de dispositivo é revisitado por Deleuze (1996), como *máquinas de fazer ver e de fazer falar*, sob o viés de três dimensões: *curvas de visibilidade, curvas de enunciabilidade e linhas de força*.

Sob o ponto de vista de Foucault (2008), por sua vez, *as linhas de força* são caracterizadas pela ligação entre o dispositivo e o poder. Para este filósofo, o poder constitui uma positividade, haja vista ser capaz de produzir saberes e

verdades, estar relacionado às *práticas discursivas*. Tal perspectiva o leva a considerar uma quarta dimensão do dispositivo: *as linhas de subjetivação*. E, no que concerne ao nosso objeto, observamos os espectadores do filme sob essa perspectiva, na medida em que são expostos aos discursos circulados na/pela materialidade fílmica. Ademais, como bem argumenta Foucault (2008), diante *das linhas de força*, os sujeitos tendem a construir *linhas de fuga*, deslizando da condição de controlados pela quarta dimensão. Conseqüentemente, há constantes processos de subjetivação desses espectadores.

Ao longo da história examinada, examinamos o discurso mítico, uma narrativa capaz de perpassar informação, sabedoria, (RAMNOUX, 1977), uma composição semiológica, mistura de forma e sentido. Similarmente, evidenciamos os discursos institucionalmente marcados, numa reiteração de valores (a aceitação do destino, crença em forças sobrenaturais etc.).

A primeira *sequência enunciativa* analisada reproduz a fala da elfa Arwen (marcada pela pureza, bondade, virtude, figurativização da divindade), ao prever o futuro: “SE<sub>1</sub>: (00:29:40) *Das cinzas uma fogueira vai despertar. Uma luz das sombras vai aparecer. A espada que foi quebrada vai se restaurar. Quem não tem coroa rei voltará a ser*”. Esta SE traz à baila os mitos atravessadores de toda a trilogia do *Senhor dos Anéis*, dada a visão futurista élfica. Revela ainda a manutenção da esperança em dias melhores, presente nos discursos religiosos, justificadores do sofrimento, da luta.

Analogamente, percebemos o discurso sobre o renascimento (*das cinzas uma fogueira irá despertar*); o ciclo considerado encerrado reiniciará; a presença da luz, perdida em meio às trevas, voltará a aparecer, numa remissão ao discurso da esperança pela paz. No entanto, para alcançá-la, é necessário o uso da espada que, consoante Chevalier (1993), simboliza o *estado militar* e a suposta bravura que lhe é atribuída; conseqüentemente, o *poderio* é estabelecido, numa contraditória aceção: destruição, construção.

À luz dessa teia discursiva, percebemos a relação ‘derrota *versus* vitória’, atravessada em todo o filme, com vistas ao uso de um novo



instrumento, numa outra batalha, qual seja: a espada reforjada (Andúril). Por meia desta se pode conseguir a paz, tão desejada, revelando assim o discurso armamentista presente nos três filmes. Por fim, a chegada de Aragorn (futuro rei), empunhando tal espada, consolida essa paz. Com efeito, o rei representa a salvação da Terra Média, num gesto de divinização desse personagem, corroborando tanto o discurso religioso, como o político, subjacentes à trama.

Dando seguimento às análises, apresentamos a SE<sub>2</sub>, representada pelas figuras 1 e 2:



*Figura 1(00:40:29): a Chegada de Frodo e Gollum à escadaria que leva a Mordor*



*Figura 2 (00:54:29): a chegada de Gandalf iluminando a guerra*

Na SE<sub>2</sub>, a chegada de Frodo e Gollum à escadaria da Montanha da Perdição é marcada pela presença da controversa relação entre luz/sombras, representada ora por um caminho escuro, escorregadio, ora pela luz encandescente. Tal escuridão nos remete à associação do mal à escuridão, em oposição à bondade, à esperança, representadas pela luz, consoante a figura 2. Nesta trazemos Gandalf (o Mago Branco) chegando à guerra, com a derrota anunciada. Num gesto de poder sobre os inimigos, montado num cavalo branco, afasta-os com a luz emanada do seu cajado, uma reiteração do mito sobre o poder da luz em relação ao mal; a sua chegada faz renascer a esperança dos lutadores. Essa cena evidencia a oposição mencionada, pois os inimigos constituem uma espécie de exército negro; a luz, contrariamente, instrumento de poder capaz de vencer a guerra.

Já na SE<sub>3</sub> (01:30:54), o Orc ressalta a presença do medo instalado na cidade: “Medo. A cidade está dominada pelo medo. Vamos aliviar a dor deles”. Ao proclamar o alívio da dor, utiliza a ironia, na medida em que a propalada liberdade dos prisioneiros ocorre com o lançamento apenas das suas cabeças pelas catapultas, recrudescendo o terror já instaurado por esse exército.

Consideramos que esses discursos estão na ordem do dia, rememorando a sociedade do suplício (FOUCAULT, 1997a).

Esses discursos são veiculados repetidas vezes, *reatualizados*, tornam-se novos, porque há outros acontecimentos no seu entorno (FOUCAULT, 2003). As análises das sequências enunciativas apontam a existência da constante disputa pelo poder; esse é o foco do enredo do filme, as várias guerras, com vistas à conquista do poder, do domínio do outro: o dualismo guerra *versus* paz, pois, no decorrer do filme, é reafirmado que a paz é obtida sempre por meio da guerra.

### **Breves considerações finais**

Tal como mencionado, ao longo deste trabalho, o filme ora analisado é atravessado por diversos discursos, os quais, na medida em que são veiculados nele/por ele, vão além do aspecto de entretenimento anunciado pela indústria cinematográfica. Para além dessa perspectiva lúdica, há discursos circulados como *estratégia argumentativa*. E, na medida em que tal filme é retomado reiteradas vezes pelas televisões, tais discursos são igualmente *reatualizados*. Da mesma forma, ocorrem novos processos de subjetivação dos espectadores provocando uma grande *movência discursiva* (GREGOLIN, 2016), sob o viés das múltiplas funções do discurso.

Em conformidade com as análises das sequências enunciativas, constatamos os dualismos, sobretudo pela oposição entre o 'bem *versus* mal', 'luz *versus* sombras'. Do mesmo modo que o discurso mítico/religioso, há um atravessamento do discurso político, figuratizado pelo retorno do rei e a consequente instauração do equilíbrio, da paz. Essa paz, entretanto, é alcançada por longas guerras, com muitas mortes, nos dois eixos opositivos. A relação guerra *versus* paz, por sua vez, está na ordem do dia.

Ainda no que diz respeito ao viés religioso do filme, observamos que tais discursos fazem parte de uma memória discursiva, constantemente acionada, transformada, reatualizada e, conseqüentemente, passam a estabelecer relações com os contextos nos quais os filmes são circulados, ou seja, tornam-

se igualmente discursos da ordem do dia. Essa *movência de sentidos* justifica também a escolha do filme que, mesmo sendo, inicialmente, veiculado no ano de 2003, estabelece conexões com o contexto atual.

## Referências

- CHEVALIER, J. **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.
- DELEUZE, G. O que é um dispositivo? *In: O mistério de Ariana*. Trad. Edmundo Cordeiro. Lisboa: Vega/Passagens, 1996, p. 83- 96.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis, RJ.: Vozes, 1997a.
- \_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense, 1997b.
- \_\_\_\_\_. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2008.
- \_\_\_\_\_. [1969] O que é um autor? *In: MOTTA, M. de B. da. Ditos e escritos III*. Estética: literatura e pintura, música e cinema. Trad. Inês Autran Dourado Barbosa. Petrópolis: Forense Universitária, 2009.
- \_\_\_\_\_. [1976]. O discurso não deve ser considerado como. *In: MOTTA, M. de B. da (org.). Ditos e escritos VII: Arte, epistemologia, filosofia, história da medicina*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011. P. 220 – 221.
- \_\_\_\_\_. [1978] Diálogos sobre o poder. *In: MOTTA, M. de B. da (org.). Ditos e escritos IV: Estratégia, poder-saber*. Trad. Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 247 - 260.
- GREGOLIN, M. R. V. Análise do discurso e semiologia: enfrentando discursividades contemporâneas. *In: PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011. p. 83 – 105.
- GREGOLIN, Maria do Rosário Valencise. **Discurso, história e a produção de identidades na mídia**, 2016. Disponível em: <http://geadaararaquara.blogspot.com.br/2016/04/discurso-historia-e-producao-de.html>
- O SENHOR DOS ANÉIS: O Retorno do Rei (The Lord of the Rings: the Return of the King). Direção de Peter Jackson. New Line Productions / New Line Home Entertainment: USA, 2003. [DVD]. 200 min, colorido.
- RAMNOUX, C. Mitológica do tempo presente. *In: Luccioni (et. al). Atualidade do mito*. Trad. de Carlos Arthur R. do Nascimento. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 17-28.